

*Valmor Beltrame, o
Níni: a narrativa de um
professor artista*

Jeasir Rego

Este texto procura trazer reflexões sobre alguns aspectos da entrevista que realizei com o Prof. Dr. Valmor Beltrame, do Departamento de Artes Cênicas, sobre sua história, experiências e concepções acerca de temas relativos ao Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), fazendo uso das técnicas de coleta de dados História Oral. São abordagens que procuram embasar teoricamente as narrativas do professor e artista que dizem respeito à sua formação e à construção do Departamento de Artes Cênicas, do seu corpo docente; questões que se referem aos conflitos entre dois mundos diferentes, porém intercambiáveis, o de professor e artista, o início de sua inserção ao universo acadêmico e a construção de sua história neste contexto. Procuo contextualizar historicamente os eventos que foram relevantes na década de 1980 na localidade onde atuou com o fim de apreender sua perspectiva acerca da história do CEART.

Palavras-chave: CEART 30 anos; História Oral; História da docência.

Introdução: encontro e entrevista

Com simpatia e simplicidade, o professor e artista Valmor Beltrame, o Níni¹, apelido carinhoso pelo qual sempre foi chamado e geralmente se apresenta, me recebe para a entrevista marcada. É um dia quente e o ambiente do CEART é, mesmo assim, bem acolhedor, com as árvores fornecendo sombra fresca e uma agradável brisa passeando pelos corredores, onde está situada a sua pequena sala.

Conheci o professor Nini em 2010 em um encontro de doutorandos em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), numa reunião em sua casa de praia. Sua esposa era na época coordenadora de um núcleo de estudos, EDUCAMPO, ligado ao curso de Educação do Campo da UFSC, no qual minha companheira desenvolvia sua pesquisa; no encontro, eram festejados o cumprimento de algumas metas e objetivos alcançados. Em sua casa, acabei descobrindo que tínhamos uma amiga comum que atuava com teatro de bonecos em São Paulo. O professor Níni também a conhecera e de certa forma isso reforçou nossas conversas, pois eu era

¹ Durante toda a entrevista e assim também neste artigo, tratei o Prof. Dr. Beltrame pelo seu apelido, Níni, já que assim é conhecido por todos no CEART e como ele próprio se apresenta.

pelo menos ‘iniciado’ nesta arte. Naquela ocasião soube que na área de Teatro de Bonecos, ele, Níni, era doutor, mas jamais poderia imaginar que, anos mais tarde, o entrevistaria.

A entrevista, quando tratada como uma técnica de coleta de dados, nos permite trazer a História Oral, a história de vida profissional e sua prática docente reflexiva, as narrativas de quem atua no terreno indeterminado e concreto da vida real da sala de aula. As metodologias Narrativas se dividem em biográficas, história de vida, história oral, auto-etnográficas e biografias educativas, e têm sua gênese nos discursos do indivíduo e suas práticas contextualizadas no âmbito concreto do seu cotidiano, numa tradição histórica e temporalmente distante, pertencente a todos os povos, ou como considerou Friedrich Hegel (2004, p.45) na “língua como o bem mais precioso da humanidade”. O professor Níni tem no seu discurso reflexões bem claras, além de ótima memória, os fatos narrados e as posições críticas expostas dão prova disso.

A memória do ato vivido em seu locus original, mentalmente sincrônico, mas narrado anacronicamente² tem o foco dele, Níni, que conta um pouco a sua história inserida no contexto e, sendo assim, pertencente a uma realidade observável, sem mediação; é uma testemunha contemporânea ao fato, sua atuação interfere diretamente sobre ele. É justamente este tipo de abordagem que mais interessa na metodologia História Oral.

Ao compartilhar sua história e suas lembranças nos contagia com certo fascínio, como se estivéssemos ‘vendo mentalmente’, montando a cena do que ele vai narrando. Experimentei neste encontro para entrevista com o professor artista Níni exatamente o que disse Albertti (2004, p.15), a “vivacidade do passado, a possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado” [...] “a presença do passado”.

Apresentando o professor artista

O professor Níni trabalha há vinte e sete anos no CEART. No entanto, mostra o entusiasmo e a vivacidade próprios de quem está iniciando a carreira; é perceptível a paixão pelo que faz, pela sua própria história e como ele a construiu. Tem uma extensa produção intelectual e artística que cultiva desde a graduação em Filosofia pela

² Sincrônico porque viveu esta simultaneidade e a revive mentalmente a cada narração, mas ao mesmo tempo anacrônico porque narra com a percepção que tem hoje daquele tempo.

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1977), depois no mestrado e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (USP) em 1995 e 2001, respectivamente. Experiência acadêmica que sempre mesclou com sua produção artística na área das Artes Cênicas, mais especificamente na área de Teatro de Bonecos, Boi-de-Mamão, ou sendo mais abrangente, o Teatro de Animação.

Ele se autodenomina um Ator Bonequeiro. Sua prática vem de longa data, de um grupo de teatro na cidade de Lages, depois de concluído o curso de Filosofia em Tubarão, e esta atuação trouxe-lhe um conhecimento que foi muito importante na sua formação como docente.

A sua produção de pesquisa acadêmica não concorre com a sua produção artística, pelo contrário, ambas se complementam, sendo perceptível tanto na área da pesquisa como na da produção de espetáculos, tendo recebido prêmios importantes como: Melhor espetáculo do Festival Internacional de São José dos Campos - SP - Categoria Infante Juvenil no ano de 2000 - Melhor espetáculo do VII Festival Nacional de Teatro de Florianópolis Isnard Azevedo - Categoria Infante Juvenil, Fundação Catarinense de Cultura, nos anos de 2000 e 2001.

Tem ministrado aulas em diversos níveis, todas vinculadas às temáticas do Teatro de Bonecos em suas diversas abordagens. Também é editor da Revista Móin-Móin, uma publicação conjunta da Sociedade Cultura Artística (SCAR) de Jaraguá do Sul e do Programa de Pós-Graduação em Teatro (Mestrado e Doutorado) da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Seu lançamento ocorreu em 2005 como conseqüência da complementaridade das ações formativas que se desencadearam nos festivais realizados na cidade de Jaraguá do Sul a partir de 2001. Desde então, esta revista busca colaborar com a formação de artistas, de formadores de profissionais, procurando estreitar as relações entre o público com esta arte teatral que no Brasil conta com uma longa história. Trata-se de uma publicação anual e o que se constata até então é que não existe atualmente no país outro periódico sobre Teatro de Bonecos com as mesmas características.

Com diversas publicações, (mais de uma centena), entre artigos, capítulos de livros e como autor-organizador de livros, trabalhos em congressos nacionais e internacionais, discorre sobre temas relacionados ao Teatro de Bonecos, Teatro de Máscaras, Boi-de-Mamão, sobre a

Dramaturgia em SC, Transformações Poéticas, sobre o Ator Bonequeiro, entre tantos outros temas relacionados à sua área de conhecimento.

Conhecimento que não é só acadêmico, pois acumula experiências da prática cotidiana de artista que considera muito importante na sua formação: “Foi quando eu estudei Teatro de Sombras na França e tive a oportunidade de estudar com grandes mestres do Teatro de Sombras, como professor e diretor teatral Jean Pierre Lescot, a indiana Meher Contractor, a búlgara Niculina Gheorghieva, um professor grego sobre o teatro de sombras Karagozwwk, um professor chinês Qi Yongheng, então foi um momento muito rico em que eu consolido essa opção por trabalhar com essa linguagem artística”.

Sua história no CEART e o CEART na sua história: contextualizando

Sua carreira tem profunda ligação com o CEART. Embora oficialmente comece em 1989, o professor Níni teve uma espécie de intróito ao meio acadêmico quando se inseriu como professor colaborador em 1988 a convite de uma das professoras fundadoras do curso de Teatro, Vera Regina Martins Collaço, fato que o colocou definitivamente no universo acadêmico. No ano seguinte, em 1989, surge a possibilidade de se efetivar através de concurso público para ministrar as disciplinas denominadas Laboratório de Pesquisa Dramática I, II e III com conteúdos vinculados ao teatro de animação. “No começo nós éramos muito poucos”, diz Níni se referindo àquela época de condições precárias, “ninguém constrói um curso com as condições ideais dadas” reitera, enfatizando as dificuldades que enfrentariam durante o percurso.

Estavam ali, já em 1986, além da professora Vera Regina Martins Collaço, as professoras Beatriz Angela Vieira Cabral e Dília Dutra, fundadoras do curso de Teatro. Nesse ano, 1986, foi criado o curso de Licenciatura Plena em Artes Cênicas como uma das habilitações oferecidas pelo Curso de Educação Artística. As outras áreas eram a de habilitação em Desenho, Artes Plásticas e Música que funcionavam inicialmente nas instalações da Faculdade de Educação (FAED), na Praça dos Bombeiros, no centro de Florianópolis.



Figura 1- Primeira sede da Esag, na Praça Gtúlio Vargas, no Centro de Florianópolis
Foto: Arquivo / UDESC

Em 1988 já se sentia a urgência de ampliação do quadro de docentes. Ele narra um pouco disso: “nós tínhamos que nos revezar”. Foi preciso que editais para contratação de novos professores fossem publicados. Níni foi um dos candidatos aprovados no segundo concurso, “juntamente com outros dois professoras, José Ronaldo Faleiro e a professora Sandra Meyer. No primeiro concurso entraram professoras da área de humanas, Cleidi Albuquerque e a Dagmar von Linsingen”

Quando falamos ‘naquela época’ referimo-nos aos anos 80. Um período de mudanças desenvolvimentistas em todo o país, e conseqüentemente em Florianópolis, com a construção das pontes Colombo Salles e Pedro Ivo, o aterro da baía Sul, a inauguração do seu primeiro Shopping Center, o Itaguaçu, crescimento imobiliário com alteração do aspecto urbano, que passa a contar com grandes arranha-céus preenchendo o cenário.

Os movimentos artísticos sofreram influência de caráter motivador originadas em instituições como a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como celeiro de artistas que na década de 1980 impulsionaram a expressividade na cidade de Florianópolis. Nas Artes Plásticas, segundo Amante (2001) os três mais expressivos grupos formados neste período, Artmosfera, Nhá-ú e Guará interferiram nos conceitos de instalações e performances que “passaram a fazer parte do cenário artístico local, ou seja, a incorporação do espaço e a emergência

do corpo passam a ser mostradas nas obras de arte deste período³.

Na área das Cênicas a primeira obra de Bertolt Brecht a ser encenada no teatro catarinense, *A importância de estar de acordo* foi encenada pelo grupo Dromedário Loquaz⁴. Um período em que a redemocratização do Estado Brasileiro apenas dava os primeiros passos, trazendo sequelas profundas de vinte anos de intervenção militar, ditadura, que mal acabara de se afastar do poder político com as memórias da censura ainda pairando sobre as mentes artísticas em todo país.

O teatro de animação teve na década de 1980 uma reviravolta. Segundo Beltrame e Silk (2009), os caminhos e propostas desta arte que esteve sempre associada ao público infantil assumem características mais complexas em relação às temáticas abordadas quando “alguns grupos brasileiros tiveram a oportunidade de se apresentar na Europa e de lá voltaram entusiasmados com as transformações já sedimentadas no velho continente” (p. 2).

Neste contexto a UDESC já contava com quase vinte anos de existência. Ela foi fundada em 20 de maio de 1965 através do Decreto Estadual nº 2.802, e oficializada através da publicação em Diário Oficial do Estado de Santa Catarina em 04 de junho do mesmo ano (2014). Foi fundada com o nome Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina e estava totalmente atrelada como primeiro organismo da Fundação Educacional de Santa Catarina. Para que se tornasse universidade deveria cumprir exigências estatutárias, como por exemplo, a obrigatoriedade de seis Centros Acadêmicos. Entretanto, naquele momento, a UDESC só possuía cinco Centros: Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), Centro de Ciência da Administração e Socioeconômicas (ESAG), Faculdade de Engenharia de Joinville (FEJ), Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV) e Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID).

A criação do curso com habilitação em Artes Cênicas como sub-área do Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística da UDESC foi aprovada pela Resolução 005/CONUSNI, de 10 de abril de 1985⁵

³ Ressalta-se ainda que instituições como a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), tiveram papel determinante na produção artística deste período. Para saber mais leia artigo nesta mesma revista “Os artistas plásticos na década de 80”.

⁴ Grupo de Teatro formado em 1981, em Florianópolis, Santa Catarina, tendo Isnard Azevedo (1950 - 1991) como fundador e diretor.

⁵ Fonte: <http://secon.UDESC.br/> Acesso: 08 dez 2014.

Olhando para a imagem que encontramos no site do CEART no link ‘Sinopse Histórica do CEART’, temos uma pequena idéia de quais eram as dificuldades para a implantação de um curso. Nas palavras do professor Níni: “dificuldades a gente tinha na época, acho que eram, justamente, todas as dificuldades que um curso em implantação tem... as condições materiais... as questões relativas, por exemplo, o espaço, eles eram muito precários considerando as condições que nós temos hoje”.



Figura 2: O Centro de Artes da UDESC em 1985.

Fonte: CENTRO DE ARTES, 2013.

Sua memória remonta a eventos que hoje podem parecer engraçados, mas que descrevem a realidade precária em que se encontravam os profissionais que insistiam e acreditavam no que estavam fazendo: “Eu me lembro muito bem, o professor Canabarro⁵ saía e eu entrava sabe, carregado de coisas, aquela tralha toda pendurada, chegavam os estudantes também, e nós trabalhávamos ali, eram essas as condições. E depois, os ensaios a gente tinha que percorrer os espaços ali existentes, amontoava as carteiras de uma sala teórica pra poder ensaiar, assim era”.

Eram dois grandes galpões, como se vê na foto disponível no site do CEART, que ocupados por vários professores tinham múltiplas funções. Também foram usadas outras dependências pelas quais se circulava em busca de espaço para ministrar suas aulas: “nós circulamos dali para essa outra parte onde hoje funciona o Lab Design, tinha salas onde hoje funciona a ESAG e as salas eram às vezes muito adequadas com assoalho de madeira porque nós precisamos disso para

⁵ Luiz Carlos Canabarro Machado é professor titular da Universidade do Estado de Santa Catarina na área de Artes, com ênfase em Artes Plásticas desde 1978 (In Lattes, acesso em 19 jan 2015).

o trabalho corporal, mas noutras vezes não era, era borracha [...] os alunos até perguntavam: onde é que tu vais ter aula? Eu vou ter aula no borrachão”. A participação dos professores, que ainda eram poucos, nas diversas funções dentro do Departamento de Artes Cênicas foi crucial em vários momentos. A professora Vera Collaço, quando assumiu a Direção Geral do CEART em 1990 teve como prioridade a ampliação do espaço físico, a construção das dependências do Departamento de Música, do Departamento de Artes Cênicas, de forma que as condições que não eram ideais, como já foi mencionado, se consolidavam a partir de cada etapa vencida, peça após peça, tijolo sobre tijolo.

Refletindo sobre identidade de artista e de professor

A consolidação de um curso universitário desta proporção, uma Universidade estadual, exige um árduo trabalho coletivo com resultados nem sempre alcançados em curto prazo. As alternâncias em funções diversas, tais como professor em sala de aula, administrador, chefe de departamento, membro de conselhos, sempre envolvido numa miríade de reuniões burocráticas constituem a vida profissional docente e geram prováveis conflitos identitários.

Um dos maiores desafios citados pelo professor Níni foi o deslocamento de um espaço dominado, o palco, para um totalmente indeterminado. Nas palavras de Schön (2007), um mergulho no terreno pantanoso e incerto da realidade concreta, a sala de aula, onde o inesperado é uma constante, o surpreendente é animador, mas por vezes, desolador. Somente a maturidade lograda na experiência vivida dia após dia, ano após ano, permite conciliar o que em início de carreira se configura como uma crise de identidade.

Ao perguntar sobre um provável conflito identitário entre a vida do artista e a do professor, Níni respira fundo, toma fôlego enquanto parece buscar reflexões profundas e, sendo enfático responde: “se tu me perguntares se teve algum conflito, eu diria todos, todos os conflitos”. Esclarece que naquela ocasião, adentrar a um terreno ainda desconhecido, incerto e tão desafiador como a sala de aula não era o mesmo que atuar no palco, que também tem seus desafios, mas de natureza diferente. “Eu tinha uma experiência que pra mim era muito desafiadora e que eu gostava muito que era o palco, que era confeccionar bonecos, que era produzir espetáculos, que era atuar,

eu estava começando a dirigir já, espetáculos”. A absorção desta nova atividade, a de educador, tem outra dimensão e natureza, embora tenha percebido que são conciliáveis na medida em que a compreensão de ambas relacionam-se mutuamente.

A preparação das aulas, o pensar sobre o conteúdo e metodologia, os projetos de extensão e pesquisa, a correção de provas e sobretudo a constante atualização sobre os diversos temas deste universo foram se mostrando compatíveis. Níni percebeu que apenas com o tempo as duas atividades se fundem em uma só, de forma multifacetada, pois descobriu que era possível fazer de suas aulas intensos processos de criação, laboratórios onde não só ele transmite conhecimento, mas os constrói em grupo, discute, instiga, palpita, gera dúvidas que muitas vezes leva para casa e depois as resolve com os alunos. Admite que do ponto de vista quantitativo haja uma redução da presença em palco, quando se diminui a intensidade de atuação neste espaço, porém, tem plena consciência que, embora não sejam as mesmas coisas, criação em palco e em sala de aula, elas estão muito próximas, se permeiam. São compensatórias, atividades que interagem de forma independente, mas interdependente também. Nas suas palavras: “eu acho que aí eu pude exercitar um pouco esse aspecto do professor artista, criador” [...] em que a gente pode exercitar junto com os alunos o processo de criação.

Isto é um fato tão verdadeiro que ele, Níni, exemplifica com experiências que extrapolaram o espaço da sala de aula, da universidade, de forma que das relações entre disciplinas teórico-práticas surgiram grupos que nasceram em sala de aula e se constituíram como tal fora da UDESC até hoje, tendo participado de festivais internacionais. “Alunos da primeira turma da qual eu fui professor, que depois eu os dirigi em espetáculo e nós fomos, por exemplo, para a Bienal Internacional de Teatro de Marionetes de Paris, França”.

Se os espaços foram superados, as relações entre o educador e educando também foram alteradas, para além das relações tradicionais onde o professor se comporta como se estivesse acima dele, aluno, como se soubesse de tudo e o aluno de nada. As trocas de vivências, de ideias entre o professor e alunos mostram isso. Em outro exemplo, Níni relata que da atividade desenvolvida em sala de aula foi montada uma cena, que posteriormente foi ampliada e virou o espetáculo

Último Dia Hoje (2001-2003)⁶, originando o Grupo Traço⁷, que atua até hoje em diversos eventos pelo Brasil.

Percebi, nos relatos do professor artista que este tipo de relação interpessoal dificilmente poderia ser vivido com a mesma intensidade apenas no palco, cujo contato com o público é efêmero e impessoal. Somente com a dinâmica do espaço da sala de aula conseguem-se tais relações, com riqueza de ideias, conversas e troca de vivências, de “experiência viva” como ele mesmo disse.

Níni explica que o mesmo pensamento se aplica à atividade de extensão. Enfatiza que é nesta relação interconectada que a pesquisa busca nutrir-se de dados para trilhar seu aprofundamento e continuar as investigações pertinentes à sua área, qualificando o ensino. Tem a visão de que uma universidade deve se pautar neste tripé fundamental, o ensino, a pesquisa e a extensão, “mas, sobretudo, com uma visão de que a qualidade do ensino tem uma profunda ligação com a pesquisa que por sua vez se alimenta e realimenta na extensão”. Sua narrativa aponta para uma produção investigativa qualitativa cujo resultado deve ser apresentado ao sujeito do estudo para ser consolidada na atividade de extensão, onde se refaz e se revê a pesquisa, se problematiza novos elementos. Envolver os alunos nestes processos, segundo ele, colabora para qualificar não só a extensão como também o ensino de graduação. “O professor que pesquisa, o professor que faz extensão, se ele tem um grupo de alunos que com ele trabalha, isso dá outra qualidade”.

Na perspectiva do professor Níni, a universidade deve ser considerada com toda sua pluralidade como espaço propício para discussões que suscitem o desenvolvimento humano procurando cumprir com sua função social à medida que estabelece um profundo vínculo com a comunidade que a cerca, com o meio onde está inserida, lançando perspectivas de melhoria de qualidade de vida, problematizando questões existentes ou ainda não pensadas, sendo propositiva no que diz respeito às políticas públicas que garantam o cultivo dos saberes e conhecimentos científicos e culturais.

São olhares críticos que vão ao encontro de Santos (2011) quando afirma que a universidade quando se abre para a comunidade

⁶ Um espetáculo de sombras que também aborda outras linguagens, como a dança, a música e o trabalho do ator, com a direção de Valmor Beltrame, o Níni, professor do Centro de Artes da UDESC.

⁷ Para saber mais sobre o Grupo Traço visitar <http://tracoteatro.blogspot.com.br>.

Ao mesmo tempo fortalece as relações sociais e é vanguarda no desenvolvimento técnico-científico e informacional; retroalimenta a sociedade ao formar o homem para o mundo do trabalho ao tempo em que é palco para discussão das questões relacionadas à sua própria formação e à (con)formação da sociedade (SANTOS, 2011, p. 3).

A extensão universitária para ele, Níni, tem importância fundamental. Assim, destaca três grandes ações dentre as que realiza anualmente: Seminário de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas; Publicação da *Móin-Móin* - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas; e Festival de Teatro de Formas Animadas de Jaraguá do Sul. Com isto pretende contribuir, e assim o faz, para o crescimento artístico, técnico e também crítico dos grupos de Teatro de Santa Catarina, para a formação profissional dos estudantes desta área no CEART, e, sobretudo para que a população tenha acesso à produção cultural e artística do estado. Estão envolvidos assim, não só alunos de graduação, mestrado e doutorado, mas também colaboradores da comunidade artística em geral, de especialistas e pesquisadores acadêmicos não só do Brasil, mas de diversos países.

O CEART por Níni

Foram vinte e sete anos de relações entre trabalho e vida dentro deste ambiente. “O CEART pra mim é um lugar onde eu construí relações de amizade e conheci pessoas importantes para minha vida”. Assim, Níni responde de imediato quando perguntado sobre o que foi e é o CEART para ele. Consciente de que nada se constrói sozinho, é preciso uma rede de intenções, de propostas e pessoas com muita vontade e compromisso, percebo seu olhar ao mesmo tempo saudoso e orgulhoso por ter participado desta trajetória. “Eu gostei muito de ser professor aqui, e gosto muito de ser professor, acho que eu descobri em mim esta capacidade, sabe, esse gosto por aprender a ensinar.”

Entendi que a concepção de aprendizagem e ensino está muito clara em suas considerações, há uma consciência de que a natureza deste trabalho é transformadora, que houve mudanças fundantes, pois “trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo” (TARDIF, 2000, p. 209).

Evidentemente nem tudo são flores; algumas vêm com espinhos

e o cuidado ao tratar com certas questões o aborreceu um pouco. “Se tem alguma que eu pessoalmente deixaria de fazer é exatamente ter me envolvido durante tanto tempo com as questões dessa carga administrativa”. Quando pronunciou a palavra ‘carga’ carregou em sua entonação, como quem quer mostrar um peso nela. Não teve como evitar, o professor tem em suas atribuições uma vivência burocrática da qual dificilmente se livrará dentro do sistema universitário.

Contudo, e finalizando, Níni enfatiza no desfecho da entrevista: “Eu tenho imagens sempre muito positivas do que eu ajudei a construir e tenho claro que isso que ajudei a construir se deu coletivamente”; considera que ainda há um longo caminho a percorrer, problemas que surgem como pedras inesperadas nas trilhas, e outros arraigados a tradições difíceis de romper. Tem consciência clara do papel social e científico da universidade e de como é importante lutar por sua ampliação e fortalecimento.

Referências

AMANTE, P. *Re-visão da geração 80 em Florianópolis*. http://antigo.CEART.UDESC.br/PosGraduacao/revistas/PosLPC/artigos/patricia_amante/revisaogeracao80florianopolis.htm. Acesso: 26 de jan de 2015.

BELTRAME, V.; SILK, L. A Direção de Espetáculos no Teatro de Animação no Brasil. *DAPesquisa*, v. 03, p. 01- 06, 2009.

HEGEL, G. W. F. *A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

ALBERTI, V. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DIÁRIO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ano XXXII, Nº 7.830. 04 de Junho de 1965. Acesso: 08 de dez de 2014. http://www.UDESC.br/arquivos/id_submenu/1005/decreto_estadual_2.802_1965.pdf

SANTOS, B. de S.; FILHO, N. de A. *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra: 2008. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>. Acesso: 08 de set de 2012.

SCHÖN, D. A. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: RS. Artmed Editora, 2000.

FLORES, G. B.. Uma breve história do teatro em Santa Catarina. In: *Revista Ciência em curso*. v.4, n. 2, jan-mar, 2009. http://www.cienciaemcurso.unisul.br/interna_capitulo.php?id_capitulo=92. Acesso: 13 de jan de 2015.

TARDIF, M. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. In: *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 73, dez/2000.